



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
HUMANAS DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

ARIEL PEREIRA SANTOS GOMES

TRANSIÇÕES CAPILARES: RAÇA E MASCULINIDADE NO BRASIL

Salvador, BA
2022

ARIEL PEREIRA SANTOS GOMES

TRANSIÇÕES CAPILARES: RAÇA E MASCULINIDADE NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Antropologia no curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção de título de Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia.

Área de concentração: Antropologia

Orientador: Moisés Lino e Silva

Salvador, BA

2022

Dedico essa monografia aos homens negros
interlocutores da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, aos meus pais: Ana Carla e Gabriel, meus maiores incentivadores e minhas referências de intelectulidade. Sonharam e celebraram o meu ingresso na universidade pública e gratuita. Hoje, tento transformá-la pra que seja um sonho possível para todo jovem negro.

Ao meu orientador, Moisés, que me auxiliou neste grande desafio, por sua atenção e nossos diálogos enriquecedores.

Aos meus amigos, familiares, colegas e desconhecidos que possibilitaram a realização do trabalho de campo durante um momento tão difícil.

RESUMO

O objetivo principal do presente estudo é compreender como alguns homens negros no Brasil se relacionam, contemporaneamente, com seus cabelos – traço particularmente definidor de racialização e de gênero. Como resultado, verifica-se que as transições capilares para os interlocutores da pesquisa (da imposição do cabelo raspado para variados estilos de cabelos mais longo) foram momentos difíceis nas vidas deles, que evidenciam mudanças mais amplas em termos de satisfação pessoal, das relações familiares e do empoderamento na luta antirracista. A presente etnografia insere-se no recorte histórico da pandemia do COVID-19, o trabalho foi iniciado na metade do ano de 2021 e desenvolvido usando grupos focais e entrevistas online.

Palavras-chave: Cabelo. Transições capilares. Raça. Masculinidade.

Amar nossos corpos, é uma fase avançada na
construção de uma autoestima saudável.

bell hooks

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração dos tipos de cabelo.....	14
Figura 2 – Convite da pesquisa.....	14
Figura 3 – Vamos trocar uma ideia sobre cabelo?.....	15
Figura 4 – Como será?.....	15
Figura 5 – Como faço para participar?.....	16
Figura 6 – Sobre a participação.....	16

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. ENCONTROS VIRTUAIS: CABELO, RAÇA E MASCULINIDADE	17
1.1 PROCESSOS DE TRANSIÇÃO CAPILAR	18
1.2 REFERÊNCIAS	22
1.3 PIADAS RACISTAS	25
1.4 SER HOMEM	28
2. TRAJETÓRIAS CAPILARES	30
2.1 Antônio	30
2.2 Gustavo	35
2.3 Considerações sobre os dois casos	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

O meu interesse em pesquisar sobre cabelo não começou na universidade. Sou um jovem, negro, de 21 anos. Na adolescência, tive inúmeros dilemas sobre como manipular meu cabelo. Já tive cabelo bem curto, de diversos modelos de cortes e por um grande período utilizei produtos químicos para alisar meus fios. Quando deixei meu cabelo crescer sem alisamento, passei a mergulhar na busca de saberes sobre como “manipular”¹ meus cachos. Há cerca de cinco anos, meus cabelos têm por volta de cinco dedos de altura, cachos do tipo 3B² (figura 1) e os pintei de diversas cores. Atualmente, sinto-me realizado com o meu cabelo, momento este que é bem diferente do restante dos anos da minha vida.

Há especificidades do cabelo dentre outros traços físicos da população negra (como o nariz, as nádegas, a cor da pele, por exemplo), ainda que todas essas características tenham sido racializadas como desprovidas de beleza e tenham sido determinantes para exclusões e discriminações. O cabelo cacheado/crespo pode ser considerado como uma das principais marcas fenotípicas das relações raciais, mostra-se como uma das característica mais visíveis, com maior capacidade de “manipulação” e de comparação em processos de classificação racial (FIGUEIREDO e CRUZ, 2016).

Em 2018, ao entrar no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), encontrei dentro da temática de Relações Raciais abordagens sobre os traços negros e algumas obras sobre cabelo chamaram-me a atenção. Faço menção aqui a duas delas que me influenciaram diretamente: *Sem Perder a Raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* (GOMES, 2020) e *Beleza Negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras* (FIGUEIREDO e CRUZ, 2016).

Na procura de mais literatura sobre cabelos, pude notar que são majoritariamente produções feitas por mulheres negras e com interlocutoras também mulheres. Muitas obras se dedicam às transições capilares das mulheres negras, momento em que elas deixam de ter seus cabelos alisados para utilizarem os cabelos crespos ou cacheados, como é o caso da Aguiar (2018) que trabalhou com uma comunidade virtual no *Facebook* de mulheres cacheadas em processo de transição capilar e esteve presente na Marcha do Orgulho Crespo. Menciono também o trabalho de Cruz (2013) que realizou sua etnografia no Instituto Beleza Natural e

¹ Formas de modificar e usar o cabelo se adequando ao gosto próprio.

² Há um sistema classificatório em que cada tipo de cabelo possui uma numeração a partir da sua curvatura, de 1 até o 4. O cabelo liso seria tipo 1, o ondulado seria do tipo 2, o cacheado tipo 3 e o crespo tipo 4. Existem também subcategorias: do A até o C, com especificações desses cabelos que indicam a espessura e curvatura dos fios. A classificação foi criada por pelo cabelereiro Andre Walker (DCI, 2020).

pôde acompanhar algumas mulheres que passaram do cabelo liso para o cacheado.

Até o momento que escrevo este trabalho, não consegui encontrar trabalhos que tenham se dedicado a falar sobre a relação de homens negros com seus cabelos ou de transições capilares com homens negros. É uma lacuna encontrada no estudo de masculinidades negras e na literatura sobre cabelos.

Ao tratar sobre o assunto de cabelo entre homens negros, precisei inicialmente reconhecer as particularidades e os fenômenos socioeconômicos e políticos que estão diretamente ligados ao gênero masculino em intersecção com a raça. O controle dos corpos negros é um fator extremamente importante para a manutenção do racismo em seus mais diversos aspectos. Os homens negros continuam sujeitos ao estigma da barbárie, da criminalização e sofrem com o genocídio sancionado pelo Estado (PINHO, 2019).

As teorias racialistas eugenistas, em voga durante o século XIX, indicavam apenas uma saída para um possível desenvolvimento da nação, que seria o embranquecimento do Brasil a partir da miscigenação, reforçando a importância do homem branco como “procriador” e “salvação” das mulheres negras e indígenas (SCHWARCZ, 1993). Nesse esquema, contudo, o homem negro continuava em posição de empecilho para o desenvolvimento nacional. Com o fim da escravidão, os brancos buscaram outras formas de manter o poder e controle sobre a população negra. Em virtude disso, fomentaram-se os estereótipos de beleza, refinamento e virilidade para os brancos.

Enquanto para os homens negros, restaram estereótipos relacionados à violência, feiura e brutalidade. Houve uma construção hipersexualizada do homem negro, entendido como incapaz de controlar seus instintos sexuais, detentores de um pênis anormalmente grande, uma verdadeira ameaça às mulheres brancas (LYONS e LYONS, 2004). Esses homens são, assim, transformados num sujeito abjeto, ligado ao perigo constante da violência sexual. Mais uma vez, homens negros são entendidos como empecilhos no desenvolvimento da nação (PINHO, 2019).

O objetivo principal do presente estudo é de compreender como homens negros se relacionam contemporaneamente com seus cabelos enquanto traço particularmente definidor de racialização e de gênero. Meu trabalho insere-se no recorte histórico da pandemia do COVID-19, iniciada na metade do ano de 2021.³ O cenário pandêmico, repleto de dúvidas, foi uma extrema adversidade em virtude de um projeto que tinha como plano uma experiência presencial com seus interlocutores e, naquele momento, o debate antropológico contava com poucas

³ Momento em que o Brasil registrava uma média, em sete dias, de 1.600 mortes diárias pelo vírus e apenas 12,41% da população brasileira tinha recebido as duas doses do imunizante (2021, G1).

referências sobre a realização de etnografias à distância.

Apesar de não ter sido algo planejado, uma solução que pude encontrar foi a utilização de aplicativos digitais e plataformas de teleconferência on-line para a realização da minha pesquisa sobre cabelos e homens negros. Essa estratégia refletiu também minha responsabilidade como pesquisador na preservação da saúde desses homens negros, não os expondo a situações de contágio, já que, em sua maioria, estes homens ainda não tinham recebido sequer uma dose da vacina contra a COVID-19. Mesmo diante da grave crise sanitária, foi possível remodelar a etnografia e fazer uma imersão no ambiente digital. A adaptação às condições da pesquisa se coloca como um desafio para os antropólogos e a pandemia está como fator para além da pesquisa. (SANABRIA; BOLLETTIN; TAVARES, 2020).

Na presente pesquisa on-line, portanto, utilizei como técnica, principalmente, as entrevistas em grupo e entrevistas individuais. Em certos momentos, essas últimas terminaram por assumir contornos mais próximos das narrativas de trajetórias de vida. Conforme Born,

A trajetória de vida pode ser descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa. Normalmente é determinada pela frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessas existências ao longo de uma vida. O curso de uma vida adquire sua estrutura pela localização desses acontecimentos e pelos estágios do tempo biográfico. A localização dos acontecimentos, a duração da existência e a sua situação no transcurso de uma vida são normalmente o resultado de informações que perpassam a população como, por exemplo, a idade média para casar, a idade média para ter o primeiro filho, duração do treinamento, idade de ingresso escolar, anos de escolaridade, idade para aposentadoria e assim por diante. (BORN, 2004, p.243)

Nesse sentido, no capítulo 2, busquei relacionar momentos mais relevantes de dois interlocutores na infância, adolescência e fase adulta, em consonância com a trajetória de seus cabelos, ao que me refiro como “trajetória capilar”.

Na tentativa de conseguir interlocutores para realização do grupo focal, elaborei uma chamada pública em forma de convite, com a primeira imagem (figura 2) contendo a foto de um homem preto e seu cabelo (curto com a lateral mais raspada) e outras cinco imagens nas quais constavam uma apresentação da minha própria pessoa e informações sobre como participar do grupo focal, como se voluntariar (figuras 3, 4, 5 e 6). Criei uma conta no *Instagram* com o nome de “tccabelonegro” no intuito de divulgar a procura por homens negros que quisessem fazer parte do grupo focal. Indiquei na descrição deste perfil a minha conta do *Instagram*, como o responsável pela pesquisa, além de deixar meu endereço de e-mail e número de telefone para contato. Para facilitar a comunicação com quem demonstrasse interesse em ser voluntário, ressaltéi que a atividade não seria remunerada e que poderiam desistir a qualquer

momento de participar do estudo. Escrevi também em uma das imagens divulgadas que, para participar como voluntário, bastava comentar a publicação e eu entraria em contato diretamente pela rede social (imagem 2).

No dia 30 de junho, por volta das 18h da noite, publiquei a chamada pública na página “tccabelonegro” do *Instagram*, compartilhei a publicação no meu perfil pessoal indicando que se tratava de grupo focal para um trabalho de conclusão de curso (TCC) na UFBA. Pedi para amigos próximos compartilharem o material em suas redes também. Fui surpreendido pela aceitação e divulgação que teve o convite. Notei pessoas que não eram próximas a mim compartilhando o convite, muitas dessas mandaram-me mensagens afirmando que tinham indicado alguém para participar do estudo, ou encaminhando o contato de possíveis interlocutores.

Na página do *Instagram*, em poucos minutos, tive alguns comentários na imagem publicada, dizendo coisas tipo: “topo participar”, “tô dentro”, “posso participar”, “estou à disposição”. Assim que os comentários eram postados, eu entrava em contato com as pessoas pela função “mensagem” do *Instagram*, para confirmar o interesse delas e tirar dúvidas. Além desses comentários na foto, pessoas próximas em minhas redes sociais também ofereceram mensagens de apoio e algumas pessoas “marcavam” na própria postagem possíveis interlocutores para entrarem em contato comigo. Alguns voluntários para a pesquisa preferiram mandar mensagem diretamente para mim, ao invés de comentar na publicação.

Com a divulgação sendo impulsionada por amigos e colegas, recebi muitas mensagens de homens negros que não residiam próximos a mim. Moro na região metropolitana de Salvador, em Camaçari, Bahia, e estudo na UFBA, no campus de São Lázaro, na capital. Recebi muitas mensagens de pessoas do interior da Bahia e de outros estados também, principalmente do Nordeste.

No dia da publicação, por volta de meia noite, vinte homens negros haviam confirmado o interesse em participar de um grupo focal para pesquisa qualitativa sobre cabelos de homens negros. Definitivamente, era um número maior de pessoas do que eu esperava. Esse período de “recrutamento” foi intenso e desgastante, uma vez que recebia muitas mensagens e tentava responder com a maior agilidade possível, tentando ser simples e explicativo com os possíveis interlocutores. As conversas pela rede social que tive com os voluntários, de modo geral, foram cordiais e breves. Debrucei-me, em um primeiro momento, a falar um pouco mais de como seriam as reuniões propostas, a duração delas, questioná-los sobre alguma dúvida e saber a disponibilidade de dias e horários de todos os interessados em participar.

Com algumas pessoas, pude ter uma conversa mais longa por conta do interesse deles

no tema da pesquisa, ou por características em comum como, por exemplo, serem universitários e gostarem de falar sobre TCC. Em especial, com o Henrique⁴, estudante de graduação em história da UFBA, com ele, tive diálogos longos já nesse momento, discutindo o tema das masculinidades negras. Henrique encontrava-se em fase inicial de elaboração do seu TCC e compartilhamos várias ideias, dificuldades e bibliografias. Ao final da conversa, ele digitou a frase: “tudo que nós tem é nós”, para ressaltar a importância da comunicação entre universitários negros como um apoio na difícil caminhada pela vida acadêmica.

No dia seguinte, dia 1º de julho, a intensidade de postagens no perfil “tccabelonegro” foi menor, continuei algumas conversas do dia anterior e respondi às novas pessoas. Mais dez homens confirmaram o interesse em participar do grupo focal e os diálogos foram semelhantes ao do dia anterior. A partir do dia 2 de julho, feriado da Independência da Bahia, até o dia quatro de julho, poucas pessoas manifestaram interesse em integrar o grupo focal. Naquele momento, eu já contava com 35 homens negros voluntários confirmados.

Pedi o número de celular desses interlocutores para a criação de um grupo on-line pelo aplicativo de mensagem *WhatsApp*, além de me comunicar individualmente com alguns participantes. Foi um grande desafio escolher os melhores dias para nossos encontros virtuais. Dos 35 voluntários poucos se conheciam e encontrar o melhor momento para todos foi difícil. Mesmo com a Pandemia da COVID-19, muitos interlocutores estavam com aulas remotas, exercendo atividades remuneradas (alguns expõem-se em atividades presenciais e dependendo de transporte público precário) e outros sobrecarregados com demandas de home office. Ao conversar com todos sobre o melhor dia e horário, notei que duas possibilidades foram mais mencionadas: ou dias da semana pela noite ou os finais de semana. Ao final decidimos que a realização dos encontros do grupo focal e das rodas de conversa ocorreriam às terça-feira e quinta-feira pela noite, fator que inviabilizou a presença de alguns voluntários.

No dia 7 de julho, foi criado o grupo no WhatsApp com o título de “Masc e Cabelo Negro” com 31 integrantes ao todo. Assim que o grupo começou a funcionar, mandei uma mensagem marcando o primeiro encontro do grupo focal para quinta, 8 de julho, às 18h30min. O intuito era apresentar-me aos interlocutores e poder ouvi-los, conhecê-los, explicar um pouco da dinâmica do grupo focal e, assim, nortear melhor os encontros futuros para ser algo atrativo para todos. Logo após minha mensagem, mais ou menos metade das pessoas confirmou presença respondendo com emojis/emoticons e fazendo afirmações em positivo como: “certo”,

⁴ Os nomes utilizados neste trabalho são todos fictícios como maneira de preservar suas identidades. A escolha dos nomes ocorreu de forma arbitrária pelo pesquisador e utilizei como critério nenhum nome dos interlocutores do campo

“marcado”, “estarei presente”.

Questionei, logo em seguida, se conheciam a plataforma de teleconferência chamada *Google Meet*, a qual eu pretendia usar para os encontros. Apenas um deles, C.A., disse que não tinha usado essa plataforma. No dia seguinte, às 12h, fiz um teste com ele na plataforma. Isso indica uma familiaridade desses homens negros, em sua maioria universitários (e geralmente minorias dentro das universidades brasileiras), com acesso a instrumentos tecnológicos.

Para deixar mais explícito, todos os participantes da minha pesquisa definiram-se (autoidentificação) enquanto homens pretos e do gênero masculino, além disso, estavam em uma faixa etária entre 18 e 37 anos. A diversidade de corpos, tipos de cabelos e orientações sexuais era grande no grupo. Nos encontros com câmera pude perceber que havia alguns homens com tom de pele mais claro e outros mais retinto, cabelos cacheados, crespos, dreads, raspados, e de diversos tamanhos. Havia também tanto pessoas autodeclaradas heterossexuais quanto LGBTQIA+, todos cisgêneros. Outro dado relevante é a distribuição territorial dos participantes que integraram o grupo final: majoritariamente, eram baianos localizados em Salvador e região metropolitana (principalmente Camaçari e Lauro de Freitas), mas também de cidades do interior da Bahia. Além disso, contamos com alguns participantes de Aracaju, outro do interior de Minas Gerais e um da Paraíba.

Entre todos os voluntários, apenas dois homens negros tinham seus cabelos raspados e, durante o campo, Gael raspou seu cabelo por motivos religiosos. Acredito que em virtude da adaptação feita para realização da etnografia, a chamada pública pelo *Instagram*, as pessoas que demonstraram interesse em participar foram as que passaram pela transição capilar e esse momento as fez olhar com mais relevância o convite para integrar a pesquisa.

No primeiro encontro do grupo focal, após ter me identificado, pedi para, quem estivesse disposto, ao apresentar-se, falar como recebeu a proposta dos encontros virtuais e qualquer outra coisa que fosse relevante para o começo dos trabalhos. Nesse primeiro momento, alguns homens logo relataram experiências de discriminações sofridas por conta dos seus cabelos, pelo tom de pele e mencionaram o interesse em debater mais sobre o assunto. Ao todo, realizamos quatorze teleconferências, além de estabelecermos interações mais cotidianas em outras redes sociais.

Em nossas interações constantes, consolidamos uma rede de amizade entre algumas pessoas, com contatos mais frequentes. Em contraponto, com outros homens, a relação ficou mais restrita aos encontros semanais nas plataformas virtuais. Durante toda a pesquisa, encontrei pessoalmente apenas com um dos interlocutores.

Os termos “negro” e “preto” aparecem constantemente na realização do trabalho de

campo e neste trabalho, é importante ressaltar que seu uso estará de acordo com as categorias do IBGE⁵, no qual preto é uma autodeterminação da classificação étnico-racial e negro inclui a população preta e parda.

No capítulo 1, dediquei-me em apresentar as dinâmicas das nossas interações em campo, tanto pelas redes sociais quanto pela plataforma de teleconferência *Google Meet* e os principais assuntos nos encontros. Ou seja: as transições capilares, as referências, as piadas racistas e o “ser homem”. Por outro lado, no capítulo 2 serão apresentadas duas trajetórias de vida, de dois “interlocutores privilegiados” com os quais pude passar mais tempo e ouvir interpretações mais detalhadas sobre o tema desta pesquisa.

Ao longo da pesquisa percebe-se como as transições capilares entre os homens negros - da imposição do cabelo raspado ao cabelo mais longo - foram momentos difíceis em suas vidas, mas que desenrola uma passagem da insatisfação e controle de seus corpos para o reconhecimento, valorização e satisfação da sua aparência. O racismo é determinante para percepção do cabelo, um dos principais símbolos da identidade negra (GOMES, 2020), como traço negativo de seus corpos, paralelamente as práticas sociais masculinas a eles ensinadas atuaram em conjunto como empecilhos substanciais para suas manipulações capilares, o que os afetou nas diversas esferas cotidianas.

Figura 1 - Ilustração dos tipos de cabelo



Fonte: Jornal DCI⁶

⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

⁶ Disponível em: <https://www.dci.com.br/industria/beleza/tipos-de-cabelo-quais-sao/27269/>

Figura 2 - Convite da pesquisa



Figura 3 - Vamos trocar uma ideia sobre cabelo?

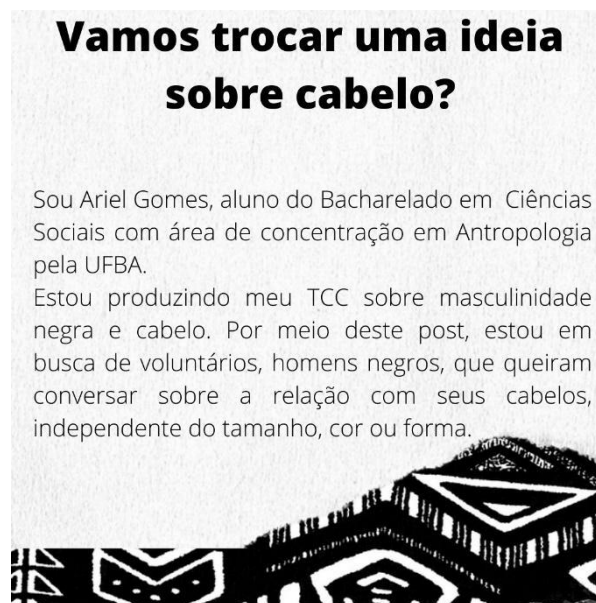


Figura 4 - Como será?

Como será ?

Em virtude da pandemia, o bate-papo será virtual, pelas plataformas de reuniões on-line, com alguns homens negros também.

Não será nada longo e cansativo, o intuito é formar um "grupo focal" com poucos indivíduos para ouvi-los.



Figura 5 - Como participar?

Como faço para participar ?

Caso seja um homem negro e queira participar, basta comentar aqui e entro em contato contigo! Se tiver qualquer questionamento, basta enviar uma mensagem que tirarei qualquer dúvida e marcaremos essa conversa.



Figura 6- Sobre a participação

Sobre a participação

A participação é voluntária, não será remunerada e os integrantes podem desistir ou saírem do grupo focal quando bem desejarem.



1. ENCONTROS VIRTUAIS: CABELO, RAÇA E MASCULINIDADE

Os encontros virtuais com interlocutores interessados em conversar sobre cabelos masculinos alternavam entre momentos mais descontraídos, episódios inusitados de situações de discriminação ou de manipulação do cabelo, e conversas mais tensas e complicadas sobre acontecimentos doloridos, que eram rememorados e ainda emergiam como feridas abertas.

O grupo criado no WhatsApp continha 31 membros, porém os encontros tinham uma participação assídua de 6 a 10 homens, que se intercalavam entre dois dias da semana quando realizávamos as reuniões. A partir do terceiro mês de encontros, decidimos concentrar-nos em um único dia da semana. Alguns participantes demonstraram interesse em serem voluntários da pesquisa, mas não participaram de nenhuma reunião tampouco dialogaram em nosso grupo do WhatsApp. Suas interações ficaram restritas aos comentários na publicação inicial do Instagram. Houve casos também de pessoas que tiveram uma participação frequente nas reuniões iniciais, mas, com o tempo, foram deixando de participar. Em contrapartida, alguns interlocutores que não se conheciam antes da formação do grupo constituíram relações mais

duradouras de amizade entre si e vínculos mais profundos com o pesquisador e com a pesquisa.

Na realização dos grupos focais, utilizei como estratégia compartilhar nas sessões algumas produções audiovisuais que pudessem servir de estímulo para debate entre os interlocutores. Muitos estabeleciam correlações entre passagens dos vídeos, filmes ou músicas com suas vidas e experiências, fosse no passado ou no presente. Salientei a todos os participantes que nossos encontros estavam abertos às suas sugestões sobre temas ou materiais de debate para cada reunião. Em uma destas, solicitaram espontaneamente para falarmos sobre questões de gênero e sexualidade. Em outro momento, Bernard, homem negro musicista, aproveitou o espaço para dialogar com os presentes sobre música negra e o batuque.

A plataforma de teleconferência Google Meet disponibiliza como ferramentas o uso de câmera e microfone (nos aparelhos de cada interlocutor), além do *chat* onde as pessoas podem comunicar-se de forma escrita, ao invés de falar. Um fator que a etnografia on-line me limitou estava em visualizar o cabelo de cada interlocutor durante nossos encontros, nem todos os homens ligavam suas câmeras, fazendo com que as percepções visuais sobre seus cabelos fossem restritas às fotos em seus perfis, ou descrições de como estava o cabelo deles em determinados momentos. Certos interlocutores mandaram fotos de seus cabelos na infância e adolescência, ou compartilharam (em redes sociais digitais) uma linha cronológica de como manipulavam o cabelo. Não pude também estar presente com eles para vê-los penteando, passando creme para finalizar, fazendo manutenção, tranças, usando as mãos e explicando-me como lidam com seus cabelos na prática.

Os assuntos conversados nos grupos focais e nas rodas de conversa tinham como temas iniciais os cabelos e questões correlatas, que atravessam as vidas desses homens negros. Assim, estética, autoestima, roupas, discriminações, “piadas racistas”, ser “sujeito homem”, gênero, sexualidade, trabalho e religiosidade comumente apareciam em nossas interações. Essa profusão de tópicos correlatos revela a complexidade da temática sobre cabelos crespos e cacheados enquanto característica fenotípica desses homens negros.

Nas falas, o cabelo dessas pessoas negras revelou-se como um dos principais marcadores fenotípicos das relações raciais, mostrando-se como uma característica mais visível, com maior capacidade de manipulação e de fácil comparação com os demais fenótipos de classificação racial, como já havia sido observado anteriormente por Figueiredo e Cruz (2016). Em meu trabalho de pesquisa, era comum escutarmos relatos sobre experiências de racismo sofridas por conta da questão do cabelo. Algumas causavam bastante indignação no grupo e mal-estar para

algumas pessoas. Como exemplo de uma dessas situações, trago a fala de Henrique⁷:

Tipo, a fala de vocês trazem sentimentos muito ruim para mim sabe?! muito ruim mesmo, porque todo mundo passou por coisas parecidas, independente de tudo, é assim, olha estou frio e o coração acelerado mesmo, porque em 2018 e ano passado o meu irmão foi obrigado [a cortar o cabelo curto], meu pai disse “ou você corta o cabelo ou você vai sair de casa”.

1.1 PROCESSOS DE “TRANSIÇÃO CAPILAR”

Grande parte dos interlocutores, durante a infância e na adolescência, tiveram como característica comum o uso do cabelo raspado, ou quase raspado. Para fazer referência a esse último caso, muitos homens usavam um conceito êmico: “na 1.”⁸ De acordo com eles, isso geralmente ocorria por imposição de seus responsáveis diretos, com a justificativa de que seria a melhor forma de um menino/jovem negro usar os cabelos. O homem preto que irei chamar de Filipe, se destacava em ser um dos mais velhos e o único pai na realização dos grupos focais. Ele teve sua infância num bairro periférico de Salvador e conta que usar seu cabelo “na 1” foi algo marcante na sua vida, apesar de gostar muito do estilo capilar e das roupas dos músicos do pagode soteropolitano, seus pais os restringiam para um único corte de cabelo. Em um momento, durante o grupo focal, conta sobre seu corte na infância. Conforme ele:

Meu corte era um padrão né, como dizia meu pai: é padrão militar! Não era nem militar, era “na 1”, o cabelo todo “na 1”, era o padrão. Meu cabelo cresce muito rápido, cortava 2 vez no mês, eu cortava sempre “na 1”, sempre. Tava com 10 anos e nesse padrão, cabelo cortado baixinho, número 1. Não tinha que reclamar nada porque no salão tava tudo certo, não tinha nem o que questionar esse cabelo. Não tem nem muita conversa, cortava o cabelo e é para locais sociais, igreja, algumas festas de parente, tudo ia com o cabelo cortadinho na máquina “na 1”.

A relação com a condição financeira também mostrou-se determinante para que alguns interlocutores usassem seus cabelos raspados quando crianças, uma vez que é um corte de cabelo mais simples, barato e o tempo seria maior para retornar à barbearia antes de gastar mais dinheiro com um novo corte, recurso que poderia ser destinado a outros fins. Junior explicou-me:

Com 10 anos, eu também estava com o cabelo bem cortado, pequenininho. Era

⁷ Os nomes utilizados neste trabalho são todos fictícios como uma maneira de preservar suas identidades.

⁸ Em referência à máquina de cortar cabelos quando regulada com um dos menores pentes possíveis, chamado tamanho 1, que deixa o cabelo com apenas 3 mm de altura.

esse o padrão né? E também porque minha família é uma família muito pobre e na época pagar 10 reais para cortar o cabelo era um desfalque gigantesco nas contas, então eles cortavam bem baixo pra poder demorar muito para mim cortar de novo.

Este mesmo homem comentou sobre diversas falas, as quais ouvira quando criança, que o desmotivaram a manipular seu cabelo de outra forma que não fosse o padrão “na 1”. Muitas dessas falas eram discriminatórias e mencionavam cabelo mais longo como feio e sujo, paralelamente aos estereótipos de que homens negros, neste caso mesmo crianças, poderiam ser confundidos com bandido caso deixassem o cabelo crescer. Durante um diálogo sobre usar ou não ornamentos na lateral do cabelo (como uma listra raspada, por exemplo, estilo de cabelo comumente utilizado por homens negros periféricos na atualidade), Junior mencionou explicitamente a relação entre crime e cabelo:

O Bernardo [outro interlocutor no nosso grupo] falou uma coisa sobre a listra né, do lado do cabelo. Eu achei bastante interessante porque eu sou do interior e no interior o cabelo grande, assim como a listra, é associado a algo negativo. Não só por questões raciais, do cabelo cacheado crespo ser considerado um cabelo ruim, cabelo de Bombril, como já ouvimos na escola várias vezes, né? Mas porque é considerado como bandidagem. Então, por exemplo, agora recentemente eu fiz a listra no meu cabelo, no corte eu fiz a listra. Eu o tempo inteiro me sentia estranho, porque eu sabia que se meus pais me vissem, e eu tivesse no interior, julgariam. Como se eu tava começando a me envolver com coisa errada, com crime, etc.

Ao sair de sua cidade no interior e residir em Salvador, Junior passou a sentir mais liberdade para deixar seus cabelos cacheados crescerem e poder reivindicar seu arbítrio por morar só e “bancar” seus gastos.

O processo de transição entre o cabelo raspado e outros estilos de cabelo ao final da adolescência, e/ou na fase adulta, era chamado pelos meus interlocutores de “transição capilar” e operava como um demarcador temporal importante (de maioridade) na vida dos homens negros com os quais conversei. Para além do cabelo “na 1”, outros estilos de cabelo começavam a apresentar-se na vida deles: cacheados, crespos, alisados e *dreadlock*, por exemplo. Essas outras possibilidades destacavam-se como um dos principais assuntos durante minha imersão em campo e traziam importantes questões para meus interlocutores. A mudança na adoção de um determinado estilo de cabelo na fase adulta (dentre diferentes opções de cabelos mais longos, por exemplo) era igualmente chamada de “transição” e operava também como marcador de diferença temporal. Em quase todos os encontros do grupo, esses homens rememoravam dias, meses, anos específicos de suas vidas em que a mudança do estilo de seus cabelos marcou novos períodos na trajetória de cada um.

Cris, jovem homem negro residente da periferia de Salvador e estudante do colégio estadual de ensino médio, pareceu ser introspectivo durante alguns encontros virtuais, falava pouco, mas muitas vezes esteve presente. Quando começaram a contar sobre o uso de cabelo na adolescência, ele compartilhou conosco que optou por deixar os cabelos crescerem, mas sempre utilizando produtos químicos para alisar seus fios. Relatou que, anos depois, arrependeu-se de fazer alisamento e durante nossos encontros afirmava que seu interesse era ver o próprio cabelo com aspecto “natural” e mais longo, assumindo sua beleza negra. Sua irmã, mulher negra com cabelo cacheado, foi sua referência, inspiração e conselheira no processo de transição.

O alisamento dos cabelos por mulheres negras quando mais jovens pode ser entendido paralelamente ao processo de raspagem dos cabelos para homens negros. Ou seja, ambos constituíam uma estratégia de “normalização” desta população marginalizada pelo racismo. Alisar, ou raspar os cabelos, apresentava-se como condição para conseguir alguma ascensão financeira e moral, afastando traços que a população branca costumava entender como feios, imorais e indesejáveis. Portanto, para pessoas negras, algumas transições capilares marcam também um momento político importante, de maior conscientização contra o racismo. Algumas etapas desse processo aparecem no relato de Cris:

Queria falar sobre isso. Eu queria falar do meu caso, parece um pouco com o caso de Filipe [outro membro do grupo]. Na infância eu sempre cortava o corte militar, né? Bem baixinho! O meu atualmente não é grande não, é baixo comparado ao de você. Mas chegou uma época, desde 14 anos assim, até realmente os 16, que eu deixei [o cabelo] maior e minha mãe (eu sou criado por minha mãe somente, não meu pai) me apoiou a alisar o cabelo. Mas mudei principalmente por causa da influência de minha irmã, que minha irmã tem o cabelo crespo cacheado, né? Atualmente digo: por que, minha mãe? Como é que você deixou eu alisar meu cabelo? Eu ficava horrível!”

Por outro lado, o caso do interlocutor Tiago, nascido em Cachoeira, mas no momento da pesquisa residindo em outra cidade do interior, também merece destaque. Ele afirmou que as dinâmicas da cidade de Cachoeira eram diferentes. Lá havia uma população grande de pessoas negras (principalmente de universitários) usando cabelos Black Power,⁹ tranças, *dreads*. Assim, Tiago se sentia mais à vontade e confiante para poder colocar seus *dreads*, mesmo contra a vontade da família. Apesar disso, ele entendeu que mudar o estilo do cabelo não significa colocar um fim ao racismo. Ele contou:

⁹ Penteado em cabelos crespos e cacheados caracterizados por fios sem definição, volumoso e forma arredondada.

Eu coloquei meus *dreads* em agosto do ano passado [agosto de 2020] e foi pouco antes do meu aniversário, eu coloquei como se fosse tipo um presente pra mim, e daí então eu comecei a entender como é que funcionava mais isso. Independente de estilo, independente de posição social vai existir racismo. Ainda mais para mim que sou mais retinto. Então é isso, eu pego muita referência de pessoas, hoje conheço vários outros dentistas que usam [*dreads*]. Velho, eu assisti um vídeo de um dentista que foi para Fátima Bernardes, tem muito tempo, ainda estava na faculdade. Falava “mãe, vou colocar *dread*”. Ela não acreditava, quando foi o dia que eu coloquei, ela tomou um susto. Meu pai tinha Black, as fotos que eu vi, minha mãe era modelo e tinha um Black bonito. Mas realmente eu só pude assumir esse estilo quando eu sai de casa, antes disso eu não tinha nem forças para poder fazer isso.

A padronização estética entre todos os interlocutores de terem seus cabelos raspados (geralmente na infância) reflete a forma como seus responsáveis lidavam com o significado dos cabelos crespos e cacheados. Em busca de uma “melhor aparência” e para seus filhos, preferiam esconder os cachos e frisos deles. O fenótipo negro carrega características que, devido ao racismo, são consideradas negativas, “feias”, no contexto brasileiro. Apesar de crianças, a falta de escolha em como usar seus cabelos causava grande incômodo em muitos interlocutores. Em contrapartida, outros aceitavam o corte “padrão”.

O interlocutor Gael, homem preto, deixou crescer seu cabelo cacheado algumas vezes, mas também cortou o cabelo curto (ou raspou) por motivos religiosos, trabalhistas e até praticidade, nos conta que quando criança tinha problemas com essa padronização de ver todos homens negros com as cabeças raspadas. Gael chama atenção para um aspecto do racismo que trata homens negros como se fossem todos iguais em aparência. Para ele, deixar o cabelo diferente também faz parte de uma luta contra esse apagamento da diferença nos corpos negros:

Eu lembro que quando eu era mais guri, que eu deixei o cabelo crescer a primeira vez, meus parentes perguntavam “mas por que você deixou no cabelo crescer? Por que isso agora?” E aí eu sempre dizia isso, que muita gente parecia comigo, então eu queria me destacar, eu queria ser diferente de todo mundo e eu deixei o cabelo crescer, né? Então acho que essa coisa faz parte da nossa construção de identidade, que a gente cresce sempre ouvindo que preto é tudo igual, que preto se parece! As pessoas reagem dizendo que não. As pessoas brancas principalmente levam isso a sério, porque, às vezes, tem gente branca que já veio falar comigo “Ah, mas você conhece fulano de tal?” e cita uma pessoa negra aleatória como se nós morássemos todo mundo na mesma casa!

1.2 REFERÊNCIAS

Ao longo dos nossos encontros virtuais, os interlocutores usavam o termo “Referência” para se referirem a imagem de homens negros que usassem seus cabelos além da forma raspada

como cortavam em suas infâncias. Para eles, a representatividade de homens negros que tivessem cabelos não raspados era um elemento crucial para deixar seus fios crescerem.

Se por um lado muitos interlocutores desejavam manipular de outras formas seus cabelos (para além do corte raspado ou “na 1”), a ausência de informações, representações midiáticas e pessoas próximas que tivessem outros cortes era percebida como uma barreira para eles deixarem crescer o cabelo.

Em um dos encontros do grupo focal, assistimos à animação “Hair Love”, curta-metragem escrito por Matthew A. Cherry e vencedor do Oscar de melhor curta-metragem de animação. A obra conta a história de uma menina preta de cabelos crespos que sempre teve seu cabelo penteado pela mãe, mas em um dia seu pai, que não tinha experiência com o cabelo da filha, teve que tentar arrumar ela para encontrar a mãe que encontra-se hospitalizada. Se no início do curta-metragem todas suas tentativas de pentear o cabelo da menina falharam, após pesquisar no canal de sua esposa na internet, que ensinava diversos penteados, ele consegue finalizar o cabelo de sua filha. O curta apresenta um final emocionante, pois ela havia passado por um tratamento de quimioterapia e encontrava-se sem nenhum fio de cabelo, contudo contando com o total apoio de sua família nesse novo momento.

O Interlocutor Mallone comentou sobre a questão de ter mais “referências” sobre cabelos masculinos para homens negros:

Eu gostei para caramba, velho! Tipo, eu observei uns negócios assim... posso dizer uma coisa que acontece bastante, ainda mais com criança: que uma parte boa, eu não vou dizer que é maioria, mas uma parte boa não tem referências, entendeu? Infelizmente, algumas pessoas acabam crescendo e observando muito na TV e na internet um padrãozinho. No vídeo já dá para ver logo no início que, mesmo sendo criança, acredito que desde que ela nasceu, ela já tinha muitas referências. Então isso é um ponto que eu achei muito bacana, né?

Para Tiago, o filme *Pantera Negra*, do diretor Ryan Coogler, foi decisivo para ele poder colocar seus dreads. Por meio do filme, Tiago pôde ter contato com uma prestigiada produção cinematográfica em que um dos personagens principais utilizava o cabelo *dread* da forma que Tiago considerava bonito:

A partir do filme *Pantera Negra* veio a vontade. A partir daquilo que foi “cara o quê que eu vou fazer?!” Partiu deixar cabelo crescer! Fui conhecer esse processo de transição do cabelo curto até colocar os *dreads*. Você não tem uma referência de penteado, também falo de cosméticos para você manter o cabelo de certa forma. Comecei a andar e me permitir a andar em um meio onde tem pessoas que é referências pra esse lado. Comecei a ter uma visão melhor de um cuidado que eu poderia ter com o cabelo. Porém, é difícil você manter uma coisa em que apostou em um ambiente onde você vai ser cacetado todos os dias! Várias cenas de racismo, várias cenas de

exclusão no ambiente que trabalhava! Isso tende a fazer desistir. Por um lado, eu me sentia muito engajado... chegar ao ponto de colocar os *dreads*. De outro lado, eu ficava me sentindo muito mal porque era crítica todos os dias! Aguentar pancadas o tempo todo é difícil.

Entretanto, o Gustavo comentou que a falta de representatividade de homens negros com outros cortes de cabelo foi marcante tanto em sua cidade quanto na cinematografia. Ele ressalta que os filmes que envolvem algum protagonismo de personagens negros estão debruçados em obras que destacam a violência sofrida por negros, ao passo que aspectos que apresentem a felicidade, cuidado e valorização do corpo negro ficam em segundo plano:

Eu sou de Aracaju, Sergipe. Então, assim, acho que é importante também que a gente busque referências na internet. A própria cinematografia é muito racista porque todo filme que tem uma pessoa negra é sempre pautado na ideia da falta de paternidade ou a ideia de violência. É o tempo todo isso, não pode ser um filme que a gente seja feliz e tenha um dia ensolarado! “Por que a gente não pode ser feliz no filme?” A gente tem que apanhar da polícia, no mínimo, senão não é filme da população negra. Para você buscar realmente referências, elas são muito pontuais.

A complexidade das dinâmicas raciais vividas por homens negros em usar seus cabelos mais longos apresenta ramificações ainda maiores, como no caso do interlocutor Froid, homem preto e filho de um casamento interracial. Ele tem um homem branco como irmão e passou por vários episódios de racismo. Ele compartilhou com os grupos algumas vivências:

Meu irmão é branco, né? Então ele tem um cabelo liso. Quando eu era criança, meu cabelo era cacheado, assim, bem, bem fechadinho! Cheguei na adolescência ouvindo “corta o cabelo rapaz”. Eu usava esse cabelão e o Black as vezes, né? E eu não gosto muito mais hoje porque ele dá muito trabalho, mas o que foi libertador para mim foi quando eu coloquei trança assim sabe?! Eu sempre quis ter o cabelo grande, cresce para cima e para cair demora, né? E aí quando eu coloquei a trança o cabelo caiu ao meio, nossa que interessante, cara! É legal você poder mudar e fazer tudo isso com cabelo.

Ainda nesta perspectiva de representatividade mencionada pelos interlocutores, havia também inquietação sobre as referências que seus familiares mais novos irão ter ao longo de suas vidas. Bernardo teve dificuldades na infância para deixar crescer seu cabelo crespo e usar o corte *Black Power*, foi coagido uma vez a passar alisante no cabelo para poder “abrir os cachos” e teve uma luta constante com a sua imagem. Ele comentou sobre a infância e a questão das referências em termos de brinquedos:

Essa questão da influência é um ponto muito importante que chega a me preocupar de certa forma, porque todos nós somos influenciados por alguma coisa, né? Recentemente eu tava na casa do meu pai com ela [uma irmã pequena] e as bonecas dela todas são aquelas bonecas da Barbie que a gente já conhece.

Ela não tem uma bonequinha que seja da cor negra, né? Ela não tem as influências dela, o que ela assiste o tempo todo no YouTube é a gente branca!

Um caso muito específico é o Filipe, o único homem preto e pai que participou dos encontros. Ele mencionou que a principal razão dele realizar a transição para o cabelo cacheado veio quando soube da notícia que sua esposa havia engravidado. Durante a gestação, ele descreveu sua preocupação em cuidar de uma menina negra. A decisão de crescer seu cabelo estava diretamente ligada a oferecer uma representatividade e suporte para sua filha:

Comecei a ler, a estudar, pesquisar e até hoje eu tô aqui nessa descoberta. Minha esposa é caixa [de supermercado] e ela tem o cabelo bem cheio e bem natural mesmo. Quando ela ficou grávida e era menina, eu falei assim: “vou deixar meu cabelo crescer para quando S. nascer ela ver que o pai e a mãe estão com cabelo natural, de boa, e não querer alisar o cabelo”.

Os processos narrados em campo sobre o início dos questionamentos para chegar a ter cabelos maiores são acompanhados por uma reflexão ampla sobre corpos, autoestima, e a disponibilidade de “referências”. Essas indagações se revelaram como uma etapa de busca ativa por mais representatividade e reflexões sobre como as dinâmicas racistas atuam sobre os corpos negros. Sendo assim, estilos de cabelo representavam, para muitos, artefatos para mudanças de pensamento sobre si e a tomada de consciência sobre o racismo.

O termo “estética” apareceu constantemente em campo para se referir ao agrupamento de uso de cabelo, estilo de roupas, representatividade e autoestima. Muitas narrativas destes homens mencionavam uma certa “estética” antes da transição capilar e outra após a transição capilar, como um conjunto de características que os deixavam mais felizes com seus corpos, com maior tomada de consciência da beleza neles. O cabelo era, para muitos interlocutores, o primeiro traço físico negro a ser questionado e ressaltado. Argumento que pode ser sintetizado na fala de Gustavo:

Eu li, recentemente, O Pequeno Príncipe Preto. Eu pensei muito na falta de representatividade e no quanto eu demorei para gostar de mim mesmo. Eu só vim a ter autoestima quando eu tinha 18 anos e seria muito importante se eu tivesse visto coisas assim, assistido filmes assim, desenhos que eu me visse representado, sabe?! Acho que foi a questão que assim mais tocou. E se tivesse me pensado antes como a pessoa bonita? Ok, meu cabelo é bonito, meus traços, isso mesmo... Eu fiz 21 anos mês passado, estou em processo recente, né? O processo de enegrecimento foi depois da escola, a escola acabou em 2017, só que na escola não toca na pauta racial. Tudo é a partir do ponto de vista embranquecido, aí depois que eu saí da escola que eu passei por esse processo de busca, assim, sozinho mesmo, aí pronto!

1.3 PIADAS RACISTAS

Entre as principais dificuldades mencionadas no momento em que os cabelos dos meus interlocutores estavam crescendo, as agressões racistas na forma de expressões derogatórias foram as mais destacadas, sendo elas principalmente comentários em tons jocosos, destinados a criticar os estilos de cabelo adotados. Moreira (2019) intitula o termo Racismo Recreativo¹⁰ para classificar essas formas de discriminações racistas que utilizam do “humor” para propagar o racismo de uma forma mais disfarçada – na visão dos racistas. Se a forma “aceitável” dos homens negros usarem seus cabelos eram os cortes muito curtos ou totalmente raspados, os cachos, *Black Powers*, tranças e *dreads* chamavam a atenção e geravam repulsa e “piadas” para muitas pessoas racistas.

As falas sobre essas situações eram carregadas de indignação no grupo, marcadas por tons pesados durante nossos encontros. A forma de lidar com essas discriminações se dividiam principalmente em rebater diretamente esse tipo de comentário racista ou tentar evitar o conflito aberto, ignorando estas falas. O homem que irei chamar de Eduardo, residente da Região Metropolitana de Salvador, que deixou seu cabelo crescer durante a pandemia da COVID-19 (com o incentivo de algumas amigas), comentou um pouco sobre o racismo “recreativo” sofrido por ele:

Já ouvi aquelas bem assim, “Ah, barbeiro tem família!” Entendeu? Não deixa de ser um incômodo né, porque é uma piada para dizer que tá feio. Quem tem que gostar sou eu, né? Mas justamente, eu acho que seria mais dolorido se fosse uma discriminação mais aberta, mas não deixa de ser [racismo] o tom mais cordial. Como eu não ligo muito pra o que qualquer um acha de mim, então eu tô nem aí! Não chega a incomodar, eu só ignoro, mas assim, não é agradável entendeu? É diferente de uma pessoa chegar e comentar sobre o cabelo que tá diferente: “Pô, nunca tinha te visto no cabelo tão grande!” A pessoa pode até elogiar: “Porra, massa, gostei, deixa o cabelo crescer mais!” Mas não exprime sua opinião se é algo que não é da sua conta, né?

O Racismo Recreativo destinado a este grupo de homens negros, dava-se majoritariamente por pessoas com algum grau de parentesco ou próximas por um convívio familiar. Em contrapartida, as relações de amizade, geralmente, os incentivam a fortalecer as transições capilares. Conforme afirmou o interlocutor Gustavo sobre as “piadas” racistas:

Principalmente na minha família, tem um tio que é cotado como brincalhão. Esse tipo

¹⁰ “(...) projeto de dominação que procura promover a reprodução de relações assimétricas de poder entre grupos raciais por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor como expressão e encobrimento da hostilidade racial” (MOREIRA, 2019, p. 148)

brincalhão que na verdade muitas vezes faz brincadeiras que são racistas, que não é brincadeira. Eu mesmo evito tá no mesmo local que ele, ainda mais que não tenho paciência, porque assim... eu não quero ficar ouvindo de alguém, um branquelo, falando mal do meu cabelo! Ainda mais por aquele negócio que é família e sua mãe fala: “Ah, não, é só brincadeiras do seu tio!” Mas tipo isso já aconteceu comigo e já aconteceu também com os meus irmãos. Ele achava que era divertido. Eu mesmo não gosto, faz um tempinho que não dá mais para tolerar, é racismo e pronto.

Ao reagir a discriminações desse tipo, Gael passou a ser estereotipado como uma pessoa ignorante por ter uma postura de confrontar pessoas racistas com esse tipo de discurso sobre cabelos:

Eu já vivenciei isso com família. Também na escola, né? Eu acho que na família era só comigo e com uma prima minha que era a única outra que tem o cabelo crespo. Assim que deixava o cabelo natural crescer, eram diversas piadas, né? E coisas relacionadas do tipo: “é sujeira!” ou “Você é louco de deixar o cabelo assim!” Na família eu tenho um pouco dessa coisa de não deixar isso passar. Então, eu passei a ser conhecido como uma pessoa muito ignorante, que ninguém pode fazer piada porque eu dou uma resposta bem seca! As pessoas ficam meio assim, então pararam de rir e comentar. Não se tocam assim da merda que tão falando? Mas eu acho que no cotidiano, pelo menos eu, a gente acaba aprendendo a constranger racista, né? E assim coloca eles numa saia justa assim: “falei merda aqui, então vou calar minha boca!” E eu acho que pouquíssimas vezes tiveram falas assim muito contundentes, era sempre disfarçado dessa coisa do humor, que não é humor porra nenhuma, né? Então, sabe aquela história do “mimimi”? Povo diz: “Esse mundo tá ficando chato!” ou “Ninguém pode brincar mais com nada!” Por ser contra essas piadas, terminei caindo nesse lugar da pessoa chata que reclama de tudo, né! E eu nem reclamo, só respondo mesmo.

Ainda nesta seara, Levi comenta que sua postura de rebater os comentários é sua forma principal de defesa diante de agressões sofridas, principalmente na época da escola. Isso impactou decisivamente na formação intelectual, psicológica e emocional dele e, argumentando, de outras crianças e adolescentes negros. Vejamos a fala de Levi que, durante o grupo focal, escolheu falar logo depois da fala descrita acima:

Eu resolvi falar logo depois do Gael porque eu sempre fui uma criança muito respondona, muito inconformada com as coisas! Então eu tenho essa fama também de rebater as coisas. Tenho uma amiga que alisa o cabelo até hoje. Ela fala que é por conta de traumas que viveu na época da escola, né? Comentários bastante depreciativos! Na minha família, lá no meu círculo, todo mundo já me conhece e me chama de língua de cobra!

Percebemos aqui que, para além da discriminação que muitos homens negros sofrem por causa dos cabelos, há ainda uma outra dimensão importante nessa experiência: a luta antirracista, ao rebater discriminações e piadas racistas, também produz uma imagem negativa para as pessoas negras, que passam a ser consideradas “raivosas”, “mal-humoradas” ou “cheias de mimimi.”

Nas falas dos interlocutores acima, nota-se como muitas dessas discriminações aconteceram em ambiente familiar, por parte de pessoas próximas. Nos casos de Gael, Gustavo e Levi é relevante destacar que foram os próprios parentes negros deles que fizeram comentários e piadas que poderiam ser consideradas racistas, que incomodaram meus interlocutores, também negros, o que exemplifica a complexidade do racismo.

Nesse sentido, a noção de Racismo Estrutural (ALMEIDA, 2019) é fundamental para compreensão deste fenômeno, que pensa o racismo para além de uma concepção individualista de racismo (ligado a uma falha moral individual, por exemplo). O racismo é um dado social, inerente às estruturas de poder. Conforme discorre Silvio Almeida:

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem o racismo de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda sociedade.(...) Nesse caso, as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre os quais o racismo, na forma de violência explícita ou de microagressões – piadas, silenciamento, isolamento etc. (ALMEIDA, 2019, p. 48).

Portanto, a existência do racismo estrutural cria mecanismos para a manutenção de opressões e, além do mais, faz com que as próprias vítimas da discriminação acreditem e reproduzam para seus semelhantes certas agressões cotidianas. Exatamente por isso, nas experiências de meus interlocutores, o processo de transição capilar é frequentemente associado a uma processo de conscientização dos mecanismos operacionais do racismo e, por vezes, uma crítica ou até mesmo uma crise no seio familiar.

1.4 SER HOMEM

As narrativas expostas pelos interlocutores ao pensar as experiências com seus cabelos muitas vezes revelavam uma preocupação sobre “ser homem”. Isso criava especificidades ou contrastes em relação à forma que as mulheres negras manipulam seus cabelos.¹¹ Em um artigo intitulado “Alisando nossos Cabelos”, bell hooks (2005) nos conta como os momentos de manipulação do cabelo dela e das irmãs, feito por sua mãe, principalmente aos sábados no almoço, era um momento de afeto e carinho entre toda a família. Esses momentos foram decisivos para a construção identitária dela e um certo fascínio por cabelos.

¹¹ “A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (CONNELL, 1995, p. 188).

Ao homem negro, entretanto, ficou renegada a possibilidade de manipular e cuidar dos seus cabelos. A raspagem prescrita para meninos negros era mais frequentemente sentida como violência familiar do que uma forma de carinho. Além disso, como visto anteriormente, as tentativas de mudar essa padronização estavam sujeitas a agressões racistas. Soma-se a isto uma outra questão, a LGBTfobia também interfere na escolha capilar dos homens. Em algumas falas no grupo, homens indicaram que, por tentar construir uma relação de maior cuidado com seus cabelos, sentiam que colocavam a masculinidade deles sob ataque. Isso porque o cuidado capilar, que é muitas vezes permitido para mulheres negras, destoava das expectativas criadas por uma masculinidade padronizada no uso de cabelo raspado ou “na 1”.

Quando comentávamos sobre a obra “Hair Love”, citada acima, o Gael destacou como sentiu no vídeo e na vida essa diferença no tratamento que homens e mulheres têm sobre o cabelo. Ao entrar nesse debate da diferença no tratamento esperado de homens negros sobre o cabelo e como isso está diretamente relacionado com performances de gênero e orientação sexual, Gael comenta como tal complexidade o afetou durante sua vida:

No meu caso, eu sou uma pessoa bissexual e o entendimento sobre isso foi uma coisa que demorou muito tempo. Há microagressões que a gente vai sofrendo durante a infância sobre postura, sobre comportamento... Sempre fui aquele tipo de “criança viada”, né? Do ser “bicha” e se encantar pelo feminino, de gostar do cabelo longo, de até imitar minhas professoras da escola e sempre ser repreendido nesse aspecto. Então essa questão de ter um cabelo grande sempre foi um incômodo para toda a família, né? Olha essas coisas são tão loucas assim porque as pessoas associam uma coisa outra, lembro que a primeira vez que eu deixei meu cabelo crescer começaram a focar assim, sabe? Alguns amigos do meu pai viram meu cabelo grande e uns amigos mesmo [disseram para ele]: “Rapaz, não queria lhe dizer nada não, mas agora é que Gael está andando com um monte de viado tá parecendo até com eles, cabelo grande e bererê barará!” Super, super acontecendo os dois ao mesmo tempo, né [racismo e homofobia]? Porque assim que eu deixei crescer [o cabelo] a primeira coisa que começaram a falar é “só pode ser viado!” Então essas coisas eu acho que elas caminham lado a lado, né? Essa LGBTfobia, o racismo... enfim, para gente que é preto e LGBT a gente acaba vivenciando isso de forma muito intensa.

Pode-se dizer que muitos homens negros LBGTQIA+ encontram-se em uma encruzilhada na qual o cabelo figura com centralidade. Por outro lado, o sentimento de felicidade e liberdade em deixar seus cabelos crescerem foi tão contagiante para a maioria desses homens que eles viraram incentivadores para que pessoas próximas pudessem manipular seus cabelos de outras formas para além do padrão esperado. Ainda assim, mesmo ao afirmarem que não há uma relação necessária entre o cabelo e a sexualidade, reconhecem uma dificuldade que a heteronormatividade impõe nesse processo capilar:

Outra coisa em relação ao cabelo que é interessante pensar que o Gael estava falando de cabelo grande, né? Eu acredito que todo homem deveria sentir o vento batendo no

cabelo dele! Há sensação de felicidade muitas vezes quando você tá com cabelo solto. Eu tenho cabelo já grande e o vento tá batendo assim em seu cabelo é ótimo! Caramba, eu acho que toda pessoa na terra deveria sentir essa felicidade. Não existe uma relação necessária entre o cabelo grande e as experiências não hétero, mas é a masculinidade heterossexual que não permite fazer isso, sabe?

Ao longo desse capítulo, foram privilegiadas as interpretações e descrições dos próprios homens negros voluntários dessa pesquisa e evidenciou-se a complexidade da questão dos cabelos para meus interlocutores. Normalmente, para mulheres negras, a “transição capilar” acontece dos cabelos alisados para os cabelos crespos e cacheados, tranças, *dreads*, *Black Powers*. A dimensão do “cuidado” com os cabelos é mais aceita para elas, porque vai de encontro com as expectativas normativas sobre o gênero feminino. Para os homens, a transição mais marcante é a dos cabelos raspados para esses outros estilos mais longos. Durante o período de crescimento de seus cabelos, porém a falta de referência e de representatividade (de homens negros com cabelos longos) gerava grandes dúvidas, levava a episódios de racismo e de homofobia. As pressões sofridas para “ser homem” ou ter “cabelo de homem”, para não ter “cabelo de bandido”, atuaram violentamente a partir do momento em que eles decidiram mudar seus corpos. A rejeição de seus cabelos por pessoas próximas destacou-se também como uma das maiores dificuldades enfrentadas para que pudessem utilizar seus cabelos da forma que desejassem.

2. TRAJETÓRIAS CAPILARES

Neste capítulo, apresento as trajetórias de vida de dois interlocutores que estiveram presentes mais ativamente no grupo focal. Selecionei pessoas que se sentiam mais à vontade em compartilhar aspectos mais íntimos de suas vidas comigo, considerando-se que havíamos construído uma relação mais próxima.

Embora nosso grupo fosse formado majoritariamente de homens, jovens, pretos, universitários e com cabelos não raspados, espero que fique evidente neste capítulo que nós, homens pretos, somos plurais e há muitas práticas e dinâmicas que interferem no modo como interpretamos e vivemos nossas vidas.

Para construir o relato de vida desses “interlocutores privilegiados”, fui explícito com eles sobre os objetivos e as potenciais limitações da pesquisa. Ambos ofereceram consentimento

oral para que eu pudesse escrever as histórias deles e aceitaram participar da pesquisa de forma voluntária.

2.1 ANTÔNIO

Durante a realização dos grupos focais e das rodas de conversa, o Antônio foi bem participativo. Muitas vezes ligava a câmera do seu computador para as reuniões on-line, sempre usando óculos e um fone de ouvido, modelo “headset”, cobrindo parte dos seus cachos. Antônio nasceu no bairro de Vista Alegre, em Salvador, Bahia, e o conheci com seus 24 anos. Ele considerava-se um homem preto, mas de pele não retinta. Em termos de cabelos, orgulhava-se de seus cacheados, quase crespos, quase 3C¹². A trajetória de vida dele girava em torno de eixos bem definidos, como ele próprio assinalou, sendo eles: a família, a igreja e a faculdade. Ele entendia-se como homem periférico, cristão, artista, cantor e, futuramente, médico veterinário. A universidade ocupava grande espaço de seu tempo, vivendo quase que exclusivamente para ela.

As condições de raça e classe impactaram significativamente na trajetória de Antônio e seus familiares. Anteriormente, seus pais moravam numa cidade da Região Metropolitana de Salvador. Depois, instalaram-se na periferia de Salvador, por motivos de trabalho (mas alguns familiares de Antônio ainda residem fora de Salvador). O interlocutor ressaltou experiências de discriminações diretas, episódios de racismo recreativo, sentiu ser preterido nas relações afetivas e muita pressão por uma performance masculina viril.

Ao comentar sobre sua infância, o interlocutor demonstrava um sentimento de nostalgia e felicidade em rememorar vários momentos. Na época da pesquisa, Antônio ainda morava no mesmo conjunto habitacional onde cresceu, prédios ocupados por pessoas de renda baixa, nos quais fez várias amizades, vínculos que perduram até hoje. Suas principais lembranças infantis estavam ligadas às relações com seus amigos e os momentos de diversão com eles. As mães liberavam todos para brincar nos entornos dos prédios e era uma sensação muito boa de poder correr e fazer o que quisesse. Antônio lembra que era sempre assim: de tarde, depois de fazer o dever de casa, ia buscar seu irmão mais novo com a sua avó (de “consideração”) na escola. Nesse momento, os seus amigos sempre o chamavam para saber se estava liberado. Brincavam de correr, de baralho, de jogo de tabuleiro, ou buscavam algum outro entretenimento. Muitas

¹² Entre as classificações dos cabelos, o 3C é um fio com várias voltas, bastante cacheado, o mais próximo de um fio 4A, classificado como crespo.

vezes, nem brincavam, ficavam só mesmo na “resenha”, ou seja, sentados nos arredores do prédio, conversando, dando risada, falando besteira, “coisas de criança mesmo”.

Antônio sentia gratidão por ter tido experiências maravilhosas enquanto criança, principalmente na escola. Era um menino tranquilo que mantinha relações saudáveis e amigáveis com todas as pessoas da escola, fossem eles alunos, professores ou diretores. Nunca foi uma pessoa de brigar na escola, diferentemente de outros colegas. Segundo ele, muitas pessoas têm memórias traumáticas da escola, definitivamente, esse não era o seu caso.

Nessa época escolar, Antônio conta que seu cabelo era como o de quase toda criança que tem o cabelo crespo, ou seja, raspado. Apesar dele ter tido o desejo de deixar seu cabelo crescer na infância, essa vontade era negada. Nas palavras dele:

Meu cabelo era, eu acho, basicamente como todo cabelo de crianças que tinham cabelo crespo: cortava no pente mais baixo possível, e é isso! Seguir a vida... Eu lembro muito de minha mãe falando que não ia deixar meu cabelo crescer nessa época né da infância e adolescência e tal porque eu não ia saber cuidar. Ela falou assim: “ó, quando você fizer 16 anos, você vai poder cortar no tamanho que você quiser! Fazer o que você quiser com seu cabelo, mas agora não. Aí, eu ficava assim, [ansioso] para fazer logo 16 anos! Queria ver como é o cabelo maior.

Momento importante na vida de Antônio foi o primeiro contato dele com a religião evangélica, ainda quando criança. Ele entende a fé como essencial em sua vida. Esta aproximação religiosa se deu quando, na quarta série do ensino fundamental, ele passou a estudar num colégio adventista em um bairro próximo ao dele. Na família imediata de Antônio ninguém frequentava a igreja evangélica assiduamente. Apesar disso, e de não serem batizados, os pais dele declaravam-se cristãos. Também na igreja adventista, ele foi o apresentado à música. Ele gostou muito da Escola Adventista e do contato com o Cristianismo. A escola em que Antônio estudava antes da mudança era cristã, mas não promovia a realização de cultos. Na escola antiga, tinha uma parte separada para a capela e outra para o ensino.

Por questões financeiras, Antônio não ficou muito tempo nessa escola e mudou-se para outra no bairro Água de Meninos, em Salvador, perto do bairro chamado Calçada. Essa foi a primeira experiência dele em um colégio público. Seus pais tinham até cogitado em mantê-lo na escola Adventista, porém o valor da mensalidade não coube no orçamento deles. Por ser filho de uma professora do ensino fundamental, não esperava essa mudança de realidade. Houve muita discussão, muita briga, muita tristeza nessa fase. Esse colégio público ficava mais distante, uns 40 minutos da casa de Antônio e esse deslocamento foi uma experiência bem diferente na vida dele. Foi nesse período que Antônio começou a faltar aulas para ir para a praia.

Durante a adolescência, as duas coisas que Antônio mais gostava de fazer era ir para a

igreja e ler vários livros. Se por um lado a sua infância teve momentos que ele considerava maravilhosos, como brincar com seus amigos ao redor dos prédios, mais tarde, os melhores momentos eram vividos na igreja. Quando entrou na adolescência ele já se considerava cristão e, com o passar do tempo, criava mais e mais vínculos na igreja. Por exemplo, ingressou no Ministério de Música, grupo responsável pelas cantorias em todos os ritos. Antônio conta que gostava demais desse período, ele ensaiava todo sábado, desde seus 10 anos de idade e, uma vez por mês, saía com seus colegas do Ministério para cantar em alguma igreja diferente.

Além da igreja, Antônio gostava muito também de escrever, seus primeiros poemas e sua primeira música foram escritos nessa parte da adolescência. A Feira do Livro, na escola onde a mãe dele trabalhava, era o seu momento de êxtase quando menor. Nesses eventos ele conhecia autores e adquiria a maior quantidade de livros possíveis. O presente que ele mais gostava de receber era um livro, independente de gênero ou autor. Antônio dava muito destaque ao amor por leitura, embora hoje sua relação com os livros seja diferente por conta da faculdade. No ensino médio foi o período em que mais leu livros. No último ano de ensino, ele lia muito no ônibus, aproveitava a o tempo de transporte até a escola para ler no caminho, às vezes ele queria até deixar de estudar para ficar só lendo.

Entre a igreja, as atividades de leituras e as mudanças de escola foi que Antônio começou a deparar-se com a questão dos cabelos. Nas palavras dele:

Chegou os 16 e eu não lembro se eu perdi a vontade, mas eu deixei [o cabelo] do mesmo tamanho com 16 anos. Eu não lembro se minha mãe já tinha me liberado ou deixado pros 18, não vou lembrar, ou se eu não tinha coragem. Eu acho que tinha deixado de lado esse negócio de deixar o cabelo crescer. Eu me acostumei com minha cara assim e de ir a cada 15 dias lá no barbeiro cortar o cabelo e tal.

Durante esse mesmo período, Antônio teve vários dilemas afetivos, na construção de relacionamentos românticos. Por ser um homem preto de pele clara e estar longe da imagem do homem preto sexualizado (isto é, o “negão” musculoso, alto, viril, retinto e com um pênis avantajado), ele foi preterido nas relações afetivas e teve dificuldade em receber afeto e ter uma namorada. Até beijar uma menina pela primeira vez foi muito difícil para Antônio, que se define como um homem heterossexual. Por conta de não performar os estereótipos de força física ou de ser “pegador”¹³, ele era constantemente estigmatizado, acreditava-se que ele poderia ser homossexual. Ele explicou:

Eu já fui estigmatizado como homossexual por algumas pessoas, né? Na época do Fundamental 2 até o ensino médio. Porque no Fundamental 2 eu andava com as minhas amigas e tal, falo com os meus amigos também, mas minha relação maior era

¹³ Categoria que o interlocutor usou para se referir a homens que se relacionam com muitas mulheres.

com as minhas amigas. Eu dava muito bem com um amigo, ele era gay. Uma amiga minha era bissexual. Acho que foi na sexta ou oitava. Aí a galera achava que eu também era. A galera acabou achando que eu era e me colocando nessa caixa de que eu era e tal... Em parte, achava ruim, porque eu falava assim “aí cara mas não eu não sou!” Paciência, né? Enfim, eu acho que meio que liguei o botão do “tô nem aí”!

Na época da escola ele comenta também que era considerado uma pessoa “fofinha”, mas não conseguia namorar. Mesmo sendo preterido nas relações, o elogiaram assim por muitas vezes. Os meninos mais “desenvolvidos”, que tinham um corpo mais avantajado, a voz mais grossa, alguns já tinham até barba, eram mais escolhidos para ter uma relação. Enquanto isso, Antônio era o querido, era o fofinho, o bonitinho. Ele até tinha alguns relacionamentos com meninas, mas não evoluíam para um namoro. Ele tentava construir alguns relacionamentos por muita pressão, por ver que seus outros colegas já estavam namorando. Essa pressão foi tanta que, em algumas épocas, Antônio mentia e dizia a seus colegas que estava namorando com alguém.

Em 2016, momento em que deixou seu cabelo crescer, Antônio inspirou-se nos colegas de universidade, que ele entendia como tendo “essa a liberdade de fazer o que tava afim, fazer o que quisesse, de deixar o estilo livre!” Certo dia, observou um homem no campus universitário, pessoa com quem nunca conversou. Ele tinha um cabelo comprido, chegando até a metade das costas. Era um cabelo cacheado, tipo 3B¹⁴, cheio. Antônio achou muito lindo aquele estilo, comentou que foi uma referência para deixar o cabelo dele grande. Após encantar-se com aquele estilo masculino, o interlocutor foi buscar referências na internet sobre como cuidar do cabelo, o que fazer, o que comprar e como deixar o cabelo do jeito que queria. Na plataforma *YouTube* começou a encontrar pessoas que produziam muito conteúdo sobre transição, cabelo e cuidados. Essas pessoas também foram fontes de inspiração.

Um dia Antônio olhou-se no espelho e disse: “vai ser hoje!” Nesse momento, começou a transição. Antônio lembra-se da última foto que tirou com o cabelo curto. Foi um processo bem demorado, e também estranho, porque ele ainda não sabia cuidar: lavava o cabelo todo dia e não sabia finalizar¹⁵. Para ele, ficava um negócio super estranho no início, sem forma, ressecado. Ele não tinha ninguém para guiá-lo nisso, mas estava deixando o cabelo crescer. No início, sofreu com o racismo recreativo e as piadas racistas por estar deixando o cabelo crescer. Essas discriminações o afetaram muito e ele ficava várias vezes se questionando se valeria a pena ter que sofrer com esses comentários.

¹⁴ Um cabelo classificado como 3B está dentro dos cacheados, é um fio com cachos nem tão abertos, nem tão fechados.

¹⁵ Finalizar o cabelo é uma forma de manipular os fios, separa mechas pequenas ou grossas de cabelo e com um produto cosmético, como creme de pentear, utiliza os dedos ou pentes de cabelo para formar os cachos.

Nessa fase, Antônio teve uma relação difícil especificamente com o avô, que havia sido militar e estava com 80 anos. O senhor brigava várias vezes com o interlocutor sobre o cabelo, sempre tentando fazê-lo mudar de ideia. Às vezes, meu interlocutor não gostava nem mais de ficar perto do avô, só para ele não entrar nesse assunto capilar. Quando relembra esses momentos difíceis, Antônio comenta que alguns amigos falavam para ele não se importar com a opinião do avô ou de outras pessoas sobre o cabelo. Contudo, Antônio comentou comigo que passou por uma situação grave (não me deu detalhes sobre o que poderia ter acontecido e não senti abertura de questioná-lo sobre) e daí acordou, desceu as escadas do seu prédio, foi à barbearia e cortou o cabelo bem curto novamente.

Em 2017, foi deixando crescer o cabelo mais uma vez, agora só no topo da cabeça e cortando as laterais. Na época das entrevistas com ele, já estava deixando crescer o cabelo por inteiro de novo, mas os dilemas e inseguranças continuavam. Afirmou que estava nesse processo “meio termo”, com o topo da cabeça bem volumoso e cacheado, porém mais curto do lado. Desde abril de 2021, ele começou a manipular de outra forma. Há uns sete meses, teve vontade de cortar o cabelo de novo.

Na Universidade, fazendo o curso de Medicina Veterinária, Antônio passou a integrar um movimento de estudantes universitários cristãos: o “Cru Campus”, uma comunidade que se destacava por acolher e conectar jovens cristãos. O interlocutor demonstrou uma enorme gratidão por estar fazendo parte desse movimento, que o ajudou muito a se socializar na universidade. Conforme ele explicou:

A gente entende que o cristianismo é isso, né? Você ser parecido com Cristo e fazer aquilo que ele fez, ser relevante para a sociedade, ser relevante para as culturas, relevante para o mundo de alguma forma! A gente entende que a nossa missão na universidade é ser luz, ser a imagem e semelhança de Deus. Muitas pessoas antigamente falavam que a Universidade é um lugar muito tóxico, que é um momento em que os jovens se desviavam da igreja e começavam a sair da igreja, participar de outras coisas, das coisas do mundo e tal... Esse movimento existe para isso, existe desde 1970, existe para dizer que a universidade é um local onde Deus escolheu colocar a gente para ser relevante de alguma forma e isso me ajudou muito.

Antônio é um homem negro, homossexual, que tinha como prioridades a relação entre o cristianismo, sua família e a faculdade. Ele era membro ativo do movimento Cru Campus na universidade. Mesmo assim, em um momento de sua vida, desejou ter a liberdade de deixar o cabelo crescer. Em nosso último encontro, Antônio estava portando cachos curtos, talvez de dois dedos de altura e castanhos.

2.2 GUSTAVO

Meu contato inicial com Gustavo deu-se a partir de uma terceira pessoa. Chegou até uma amiga dele minha publicação do Instagram: “tccabelonegro”. Ela o marcou na foto e ele demonstrou interesse em participar da pesquisa. O Gustavo é uma pessoa descontraída, simpática e não demonstrou timidez ao longo de nossos encontros nas rodas de conversa. As falas dele causavam boas repercussões nas dinâmicas pela plataforma de teleconferência virtual, mesmo em momentos que falava sobre discriminações sofridas, quando demonstrava seu desconforto e indignação em alguns momentos. Gustavo comentava abertamente sobre inseguranças que tinha, algumas ainda presentes, sobre como usar e pentear seu cabelo, fator que abria o caminho para que outros interlocutores sentissem confortáveis para falar sobre isso também. Muitas vezes, ele destoava de outros interlocutores, porque ligava sua câmera para apresentar seu cabelo, além de apresentar uma foto de perfil no Google Meet.

Considero que Gustavo e eu construímos um vínculo de amizade, apesar de nunca termos nos encontrados pessoalmente. Conversávamos por redes sociais sobre cabelo, roupas, música, indicávamos leituras entre nós e conversávamos sobre aspectos que dificultavam a vida universitária de homens pretos periféricos. Ele tinha 21 anos na época, era nascido e criado em Aracaju, Sergipe, no bairro da Santa Maria, lugar periférico daquela cidade. Atualmente, ele cursa Direito na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e, anteriormente, havia ingressado no curso de História na mesma universidade, mas ficou apenas um semestre antes de transferir-se para Direito.

A relação dele com o próprio cabelo na infância e adolescência estava em consonância com muitos relatos que tivemos de outros interlocutores, mencionados no capítulo anterior. Os pais de Gustavo cortavam os cabelos dele passando a máquina. Nessa época, ele nunca teve a oportunidade de mudar a forma do seu corte, muitas vezes destacou que nem pensava no valor de seus cabelos, pois já era uma norma imposta pelos seus pais mantê-lo raspado. Quando mais novo, ele não entendia nada sobre manipulação e outros cortes para cabelo crespo. A família dele, apesar de negra, reproduzia a lógica racial de dizer que o cabelo dele era “ruim”.

Na adolescência, as questões relativas à autoestima e sexualidade começaram a despertar reflexões por parte de Gustavo sobre o valor de seu cabelo. Por ter passado anos ouvindo que seu cabelo não era “bom”, sua autoestima havia sido impactada negativamente, fazendo com que ele não reconhecesse a sua própria beleza e se sentisse preterido de afeto. Quando começou a se “abrir” e a querer relacionar-se amorosamente com outras pessoas, Gustavo começou a perceber que se olhava e não conseguia enxergar beleza nenhuma nos seus

traços físicos. Ao tentar deixar os cabelos crescerem, sentia que nada que passasse na cabeça funcionava para deixar o cabelo “bom”. Não encontrava produtos adequados. Certo dia, até chorou na frente do espelho. Questionava-se sobre o porquê de ter nascido com aquele corpo.

No início da fase adulta, Gustavo passou a refletir e trabalhar no reconhecimento da sua própria beleza. Esse momento aconteceu paralelamente ao desenvolvimento do pensamento crítico sobre sua condição racial, de se “descobrir negro”. Mencionou em nossas conversas que a escola que frequentou no ensino médio, com colegas majoritariamente brancos, não era um lugar que fomentava debates sobre racismo e identidade negra. Para ele, compreender a existência do racismo e entender a condição de um corpo sujeito a “pequenas violências cotidianas” foi determinante para sua mudança de atitude. No momento que percebeu várias ações e violações por racismo, passou a se compreender enquanto vítima de violência. Isso o ajudou a pesquisar e a refletir sobre pautas antirracistas e, conseqüentemente, a passar a valorizar seus traços negros. Conta que sua família não parecia notar essas “pequenas violências” como, por exemplo, afirmar que o cabelo crespo e cacheado era ruim.

Entretanto, Gustavo comenta que passar a entender sobre o racismo foi também cansativo, não conseguia descansar mais, ficava o tempo todo prestando atenção nas pessoas e os olhares que eram destinados a ele. Por conseguinte, sua fase adulta também foi atribulada. Gustavo passou a deixar seu cabelo crescer no final da adolescência e sentia bastante insegurança, foi um dos momentos mais tensos e de crise sobre sua autoestima, corpo e cabelo. Em virtude disso, ele voltou a raspar o cabelo, por não gostar de como estava sua aparência e dos comentários racistas que ouvia cotidianamente.

Em 2018, Gustavo deixou o cabelo crescer por uns meses, durante o terceiro ano do ensino médio. Quando tentava a transição, ele era desmotivado por falas que o estimulavam a retroceder e a cortar seu cabelo, parar de deixá-lo crescer. Gustavo realça que os comentários racistas eram comentários diários, doloridos e cansativos. Naquela época, ele afirma que ainda não tinha argumentos suficientes para rebater as ofensas, ele apenas afirmava que era o cabelo dele era “bom” e ele faria o que quisesse. Entretanto, depois de um tempo ouvindo todas essas narrativas racistas, ele confessou que olhava no espelho e lembrava desses comentários depreciativos. No mesmo ano, alguns meses depois, ele tornou a passar novamente pela transição, contudo, depois de alguns meses ele abdicou do cabelo grande novamente, afirmando que já não estava gostando mais do novo estilo. Nas palavras dele: “Era como se eu não tivesse conseguido ‘domar’ o cabelo, entendeu?” Então foi pedir para uma amiga aparar o comprimento do seu cabelo e disse que “ficou horrível!” Com todos esses acontecimentos, Gustavo passou máquina 1 no cabelo mais uma vez. Em novembro de 2018, no entanto, disse a si mesmo: “agora

não vou mais cortar!” e, desde esse dia até o momento da pesquisa, não havia cortado mais os cabelos.

No ano de 2018, quando começou a pensar criticamente sobre sua condição enquanto homem preto, foi que Gustavo resolveu sair da escola. Apesar de ter amigos negros dentro da escola, esse era um assunto que era sempre silenciado no ambiente escolar, não se fomentava tal debate. Ao sair da escola, ele passou a se deparar com outras possibilidades, como conhecer pessoas pela internet que falavam sobre racismo e autoestima, um importante mecanismo de acordo como Gustavo, “porque você tá em casa e do nada se depara com uma ideia e daí uma semente te planta do nada e você colhe.”

Mas essa coisa de impor limites [ao racismo], foi a partir do ano retrasado [2019], quando eu disse que não gostava, não aceitava, não queria isso. No primeiro ano que eu deixei crescer [o cabelo], minha mãe ainda falava coisa, hoje já não fala mais nada, inclusive ela compra cremes para mim, mas acho que é o processo também da outra pessoa. Entender que não tem nada de errado em um cabelo que não seja liso também crescer, né? E nesse período daí, 2017, 2018 foi quando entendi algumas coisas.

No ano de 2020, o primeiro ano da pandemia da COVID-19, responsável pelas medidas sanitárias de contenção, lockdown e restrições para que muitas pessoas não saíssem de casa, afetou significativamente a economia de várias famílias brasileiras. Mesmo com todas as dificuldades passadas por Gustavo em 2020, estar em casa e longe do ritmo exaustivo de trabalho e estudos o fez refletir mais ainda sobre o seu corpo, a questão “estética” e todos os problemas sociais causados pelo racismo.

De fato, muitos interlocutores da pesquisa assinalaram que o período pandêmico, sem poder se deslocar até às barbearias ou aos salões de beleza, fizeram com que repensassem a manipulação dos seus cabelos e muitos acabaram por aderir o uso do cabelo crespo ou cacheado. No caso de Gustavo, o ano de 2020 foi importante para a reafirmação da identidade estética dele, tendo o cabelo como elemento central nessa “virada de chave”.

A pandemia não foi benéfica em vários sentidos, mas nesse sentido, talvez a ideia de me repensar foi importante sim. 2021 já está sendo aquela ideia de que eu não tenho mais muita coisa para me preocupar assim em relação a isso, eu acho que talvez eu sinta um embate quando, sei lá, eu quiser fazer alguma trança nagô. Talvez não fique assim – *nossa!* – logo na primeira vez. Talvez eu tenha um choque assim, é a primeira vez que eu vou fazer! Talvez role um choque porque as pessoas vão ficar me olhando e eu vou ficar repensando, né? Assim, o *durag* [tipo de touca] eu também usava para preservar o cabelo e fazer *waves*, né? Quando eu usei *durag* eu fiquei assim, “será que isso ficou bom em mim?” Então, aí depois que eu olhei. Hoje acho que tá ótimo em mim!

Considerando-se que o ato de “cuidar” é mais frequentemente associado ao gênero

feminino, foi curioso notar que Gustavo começou a repensar seu lado “masculino” exatamente no momento em que passou a cuidar do seu cabelo. Isso aconteceu porque Gustavo começou a questionar se a manipulação dos cabelos seria uma prática “feminina”. Desde pequeno, tinha ouvido que eram as mulheres que cuidavam do cabelo. No início da manipulação isso era um problema para ele. Ao aderir à prática do autocuidado, mudou sua perspectiva sobre os papéis atribuídos aos gêneros masculinos e femininos, além de repensar as próprias performances enquanto “homem”. Meu interlocutor ressaltou que este fator capilar não estava diretamente ligado à sua sexualidade. Passou a entender que o cuidado com o cabelo faz parte de um cuidado pessoal, e não necessariamente de um cuidado feminino. O cabelo não deveria afetar a masculinidade dele.

Esse processo de mudança na compreensão do cuidado com o cabelo não o fez buscar mais referências “femininas”. Ao contrário, Gustavo começou a buscar mais referências masculinas, homens que compartilhassem ideias sobre formas de cuidados com o cabelo. Para ele, a dicotomia entre cuidado “masculino” ou “feminino” deixa de fazer sentido quando encontra referências de outros homens pretos, quando passa a conversar com seus amigos sobre assuntos desse tipo. Os homens também perguntam sobre cabelos, elogiam cabelos, e começam a “normalizar” essas interações estéticas masculinas. Atualmente, é uma prática cotidiana para Gustavo chegar para amigos e falar: “que cabelo bonito!” ou “Aí, você usa qual creme?” O desafio em agir diferente das formas de masculinidade ensinadas a ele, incentivou-o a testar até o uso de novos acessórios, roupas que anteriormente eram renegadas por ele.

Não obstante, Gustavo tem preocupações com os acessórios que usa, em virtude da ideia estereotipada do homem negro como perigoso, ladrão. Para não fomentar isso, ele não comprava certas coisas. O primeiro boné que comprou foi em 2018, mas só o usou pela primeira vez em 2021. Ele relatou que foi desagradável usar boné no início. Afirmou que era muito ruim de colocar e usar. Ao mesmo tempo, gostou bastante de estar testando novas experiências. Outro item controverso foi uma camisa “feminina” que ele ganhou. Segundo ele, nem dava pra perceber que era “feminina”. Entretanto, ele ficava extremamente receoso em usá-la. Então, teve um dia que pensou: “Foda-se, vou testar essa camisa porque eu quero ir assim!”

Gustavo afirma que os homens são ensinados a renegar constantemente a feminilidade. No dia que ele testou a camisa, achou que ficou ótima! Afirmou que não dá para perceber que é feminina ou masculina, apenas olhando a etiqueta era possível saber sobre isso. Hoje em dia, ele age de outra forma, acha que criamos problemas muitas vezes ao testar algo novo, mas com paciência ele é capaz de experimentar muitas novas coisas.

Em nossos diálogos Gustavo também falou sobre seus irmãos mais velhos e mais novos.

Reafirmou a importância de ter uma rede de amigas pretas, referências no âmbito audiovisual e no mundo virtual eram para ele essenciais. Argumentou que essas referências são fundamentais para formulação de novas práticas sociais masculinas e antirracistas.

Meu irmão mais velho cresceu com os amigos tudo “heterotop” [machões e brancos]. Ele não deixa o cabelo crescido. Meu irmão mais velho não tem referências negras, sabe?! Enquanto eu vou pegar agora outro grau aqui! O meu irmão mais novo tem uma diferença de seis anos para mim, ele tem 15 e já deixa o cabelo crescer! Ele já tem as referências dele e são negras. Assim, ele já sabe, mais ou menos... muitas coisas eu já falava para ele, porque realmente se for depender da família talvez seja mais doloroso. A família já não sabe de nada, porque não teve um alcance, não tem letramento. Meu pai parou no ensino médio e minha mãe é analfabeta. Assim, ele [o irmão caçula] passou a ter essas ideias porque são muitas coisas que eu falo, muitas coisas que eu escuto, muitos filmes que eu vejo. Assim, de forma direta ou indireta você acaba tendo uma ideia do que tá acontecendo! A gente vai saber a diferença também dessa masculinidade, sabe? Eu acho que a gente [homens nascidos na mesma faixa etária] cresceu muito nessa lógica de “metrossexual”, homens que, sei lá, se cuidam, são metrossexual! Meu irmão mais novo de 15 já vai ter outra ideia de masculinidade.

A intenção de não usar seu cabelo raspado está embricado numa rede de questões que englobam diversas práticas masculinas, o racismo, a estética, o “letramento” e as chamadas “referências”. Gustavo demonstra como o incentivo de uma amiga foi importante para ele refletir sobre o seu cabelo. Essa amiga, que chama de “irmã”, mulher negra de cabelo cacheado, o incentivou desde o período da escola para deixar o cabelo dele crescer. Ela realizou a transição capilar do cabelo liso com o uso de química para o cabelo cacheado entre os anos de 2016 e 2017 e essa experiência foi determinante para incentivar Gustavo a também realizar a transição dele. Ainda pensando sobre referências, ele tinha um amigo, um jovem homem preto, que começou a deixar seu cabelo crescer em 2017 e era um dos únicos que ele conhecia por perto que não tinha mais seus cabelos raspados. Apesar de não terem conversado diretamente sobre isso, esse amigo foi também um grande incentivo para Gustavo começar sua própria transição.

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DOIS CASOS

Para construção de uma análise das singularidades e semelhanças da trajetória de vida dos interlocutores com seus cabelos utilizarei as categorias emergentes da pesquisa, que foram mencionadas no capítulo 1 (transição capilar, referência, piadas racistas, ser homem).

As trajetórias de vida de Antônio e Gustavo demonstram como as transições capilares foram árduas e significativas nas histórias deles. Ao final do caminho de deixar o cabelo crescer compartilharam o gozo de finalmente poder experimentar suas aparências de outros jeitos que

não seja a cabeça raspada.

Esses dois homens, assim como os outros do campo, tiveram, na infância, seus cabelos “na 1” por imposição dos seus responsáveis. Mesmo sem estarem felizes com seus cortes capilares e terem o desejo de mudança, foram obrigados a usar os cabelos bem curtos como maneira de ter “boa aparência”.

A relação entre o cabelo não raspado e crime aparece mais evidente nas falas de Gustavo, quando, desde pequeno, conta que era chamado a atenção por sua mãe para não usar acessórios, roupas e cabelo que pudessem reforçar o estereótipo de homem negro criminoso. Contudo, posteriormente, passou a se sentir confortável e confiante para usar qualquer coisa e qualquer corte de cabelo que preferisse. Por outro lado, a questão da violência e criminalidade aparece na fala de Antônio, especificamente quando comenta sobre os olhares dirigidos a ele ao estar na rua e no ponto de ônibus, porém não ressalta se o cabelo grande foi um fator que potencializou o estigma racial.

Por conseguinte, as “referências” foram determinantes para ambos deixarem seus cabelos crescerem. Assim como os outros interlocutores, inicialmente, eles tiveram problemas em virtude da falta de representatividade de homens negros que usassem o cabelo não raspado em seus cotidianos. Ao se depararem com alguns poucos colegas e encontrarem representatividade em obras cinematográficas e produções audiovisuais, os interlocutores tiveram maior incentivo e inspiração para usar seus cabelos de outras formas. A busca de saberes na internet, principalmente na plataforma *Youtube*, foi essencial para aprenderem como “finalizar” seus cabelos, quais cremes usar e para conhecerem outros homens negros com cabelos longos.

Ademais, as piadas racistas foram um grande empecilho para a realização das transições capilares de ambos, as discriminações destinadas a eles em tons jacosos aumentaram suas inseguranças e incertezas para deixarem seus cabelos crescerem. Gustavo teve uma postura mais rígida e combativa sobre as piadas racistas, em alguns momentos ele rebatia os comentários e passou a não estar mais ao lado das pessoas próximas que faziam as piadas. Entretanto, Antônio não teve a mesma postura firme que Gustavo, tentava relevar a maioria dos comentários, mesmo eles sendo de bastante incômodo pra ele.

A transição capilar deles acontecia em paralelo ao florescer do pensamento crítico dos mesmos sobre o racismo e a identidade negra, práticas masculinas, gênero e sexualidade. Antônio, homem preto¹⁶ cisgênero e heterossexual, recebeu, durante a adolescência, o rótulo de

¹⁶ Categoria racial autodeclarada pelo interlocutor em consonância com o IBGE.

gay como uma forma de ofensa a ele por ter amigadas femininas mais que masculinas, por também não performar as expectativas sobre ser heterossexual. Em seus relatos sobre o cabelo, ele não contou diretamente se a relação do cuidado capilar modificou suas percepções e práticas sobre a masculinidade. Para Gustavo, a transição capilar mudou substancialmente suas perspectivas dos padrões de gênero, homem preto, cisgênero, bissexual, ao final do processo de deixar o cabelo crescer ele adotou práticas que *a priori* eram um tabu pra ele: elogiar seus amigos, usar roupas de etiqueta descritas como feminina e priorizar o cuidar de si, não apenas com o cabelo.

A contribuição que a trajetória de vida destes dois interlocutores - homens pretos de regiões diferentes e trajetórias plurais - oferece ao respectivo trabalho é demonstrar como a transição capilar é significativa e apresenta um destaque em suas histórias, de um início conflituoso a um final prazeroso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A manipulação dos cabelos pelos africanos antes da diáspora esteve relacionada com os significados culturais a partir dos penteados, cortes e diferentes formas de manipulação capilar. Durante o tráfico e o comércio de escravizados, um dos principais meios de retirar o pertencimento cultural deles estava no ato de raspagem dos cabelos para generalizá-los enquanto escravos (BRAGA, 2020). Como apresenta Gomes (2020), ao olhar para o cabelo das populações negras como mero traço biológico, ou só mais uma parte do corpo, corremos o risco de esvaziar todo o sentido cultural, a história dos africanos e todo o processo de reconhecimento identitário existente nele.

Observamos que a raspagem capilar da maioria dos homens negros em campo foi uma prática presente no decorrer da infância deles, majoritariamente, por imposição de seus responsáveis diretos, não com a mesma intenção dos donos de escravos, mas era justificado como uma maneira de deixá-los mais “bonitos” e “práticos”.

Com o objetivo de compreender a relação dos homens negros com seus cabelos, durante a imersão em campo, a transição capilar dos interlocutores foi o aspecto mais latente durante o trabalho. Alguns homens tinham até mesmo receio de mencionar as dificuldades de mudar o corte do cabelo raspado para outros usos de cabelos mais longos (transição).

Quando esses interlocutores entraram no período da adolescência e da fase adulta, os questionamentos sobre a manipulação de seus cabelos começaram a partir do sentimento de rejeição de seus corpos diante do espelho. O momento de transição capilar, do cabelo raspado para os cabelos cacheados, crespos, *dreadlocks*, se apresenta como período difícil passado nas vidas deles.

A falta de referências de homens negros que manipulassem os cabelos (além dele curto) no cotidiano foi uma grande barreira para as transições capilares masculinas. Visto isso, a pesquisa por referências virtuais, nas redes sociais e nas obras cinematográficas ajudou esses homens. Além disso, as buscas por saberes na internet de quais cosméticos comprar e como finalizar os cabelos foram imprescindíveis nessa transformação corporal.

Não só a falta de representatividade foi uma barreira, mas também as discriminações em formas de piadas racistas foi um grande problema para os interlocutores durante a realização das transições capilares, fazendo com que durante o processo muitos deles desistissem do cabelo maior. A dicotomia rejeição/aceitação é um fator assinalado por Gomes (2020) quando em sua imersão em campo observou mulheres que passaram pela transição capilar e começaram a gostar dos seus cabelos crespos e cacheados. Este mesmo fenômeno foi relatado pelos interlocutores desta pesquisa quando terminaram suas transições. Eles mencionaram o sentimento de libertação, poder e felicidade ao conseguirem, atualmente, usar o cabelo como quiserem.

O momento do fim da transição foi substancial para esses homens repensarem o uso dos cabelos, mas também um início de pensamentos críticos sobre seus corpos, identidades, condição racial e beleza. Como bem assinala Berth (2019) sobre a importância da autoestima, “Parece-me inquestionável que, sem o fortalecimento da autoestima, não temos força para iniciar sequer um processo lúcido de empoderamento” (BERTH, 2019, p.114).

A utilização das trajetórias de vida de dois homens negros articulando com suas histórias capilares demonstra como a relação com o cabelo é complexa e de muito valor, sendo os homens de regiões diversas, com hobbies, formação acadêmica, religiosidade, afetividade e corpos diferentes, mesmo assim, a realização da transição capilar marcou um momento especial em suas vidas.

Portanto, na tentativa de compreender a relação dos homens negros e seus cabelos, percebe-se a profundidade de questões que emergem da etnografia, fenômenos e conceitos narrados por eles que se entrelaçam em suas vidas no momento em que ousam manipular seus cabelos. Deixar seus fios crescerem é desafiar as pressões raciais de um cabelo caracterizado como “ruim” e “feio”, questionar a imagem de um homem inerentemente criminoso e hipersexualizado, contestar os padrões de masculinidade que colocam o homem negro como se fosse obrigatoriamente averso ao cuidado e a autoestima.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Taís R. de. **Cabelo Além da Estética**: transições capilares e identitárias pelas negras. 2018. 148f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social e Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.
- BORN, Claudia. Gênero, Trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 3, nº 5, p. 240-265, 2001.
- BRAGA, Amanda. **História da Beleza Negra no Brasil**: discursos, corpos e práticas. São Carlos: EdUFSCar, 2020.
- CONNELL, Raywen. Políticas da masculinidade. **Educação & realidade**, Rio Grande do Sul, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.
- CRUZ, Cintia. **Os cabelos mágicos**: identidade e consumo de mulheres afrodescendentes no instituto beleza natural. 2013. 135 f. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais,

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2013.

FIGUEIREDO, Ângela; CRUZ, Cintia. **Beleza negra:** representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. (Coleção UNIAFRO).

GOMES, Nilma. **Sem Perder a Raiz:** Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

HAIR LOVE. Direção: Matthew A. Cherry, Bruce W. Smith. Produção: Matthew A. Cherry, Karen Rupert Toliver. Duração: 6 min. Estados Unidos: Sony Animation Picture, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kNw8V_Fkw28&t=94s.

HOOKS, Bell. **Alisando o Nosso Cabelo.** Criola, Rio de Janeiro, Fev. 2005.

LYONS, Andrew P.; LYONS, Harriet. **Irregular connections:** a history of anthropology and sexuality. U of Nebraska Press, 2004.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo.** Pólen Produção Editorial LTDA, 2019

PANTERA NEGRA. Direção: Ryan Coogler, Produção: Kevin Feige. Produção: Marvel Comics. Trilha Sonora: Ludwig Göransson. Duração: 135 minutos. Estados Unidos: Distribuição Brasileira DISNEY/ BUENA VISTA, 2018.

PINHO, Osmundo. O Corpo do Homem Negro e a Guerra dos Sexos no Brasil. In: Henrique Restier; Rolf Malungo de Souza. (Org.). **Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades.** 1a.ed. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2019, v. 0, p. 105-131.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX. Editora Companhia das Letras, 1993.

SANABRIA, Guillermo Vega; BOLLETTIN, Paride; TAVARES, Fátima. **Etnografando na Pandemia.** Padova: Cleup, 2020.

TIPOS DE CABELO: saiba quais são e como identificar o seu. **DCI**, 2020. Disponível em: <https://www.dci.com.br/industria/beleza/tipos-de-cabelo-quais-sao/27269/>. Acesso em: junho de 2021.

VACINAÇÃO no Brasil: 12,41% da população tomou as duas doses ou dose única de vacinas contra a Covid. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/06/30/vacinacao-no-brasil-1241percent-da-populacao-tomou-as-duas-doses-ou-dose-unica-de-vacinas-contr-a-covid.ghtml>. Acesso em: junho de 2021.